

## O LUGAR DO TEXTO FILOSÓFICO NAS AULAS DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO

*THE ROLE OF PHILOSOPHICAL TEXTS WITHIN HIGH SCHOOL PHILOSOPHY TEACHING*  
*EL LUGAR DEL TEXTO FILOSÓFICO EN LAS CLASES DE FILOSOFÍA EN LA ENSEÑANZA MEDIO*

**Rui Valse**

Professor da UNINTER/ e C. E. Dep. Arnaldo F. Busato – Pinhais/Pr/ NESEF/UFPR. E-mail: rui.v@uninter.com

**Luís Fernando Lopes**

Doutor em Educação. Professor da UNINTER. E-mail: luis.l@uninter.com

**Wilson José Vieira**

Professor do Colégio Estadual do Paraná/NESEF/UFPR. E-mail: wilsonjosevieira@yahoo.com.br

### RESUMO

Eventos e debates relativos ao ensino de Filosofia tem ocupado um importante lugar em pesquisas com relação a questão do lugar do texto filosófico nas aulas de Filosofia do Ensino Médio. O artigo pretende investigar, a partir de três documentos diretamente ligados a concepção de ensino de filosofia – Proposta Curricular do Curso de Filosofia da Universidade Federal do Paraná, o texto das Diretrizes Curriculares de Filosofia do Estado do Paraná e os livros de filosofia selecionados para o Programa Nacional do Livro Didático (2015-2017) –, o lugar do texto de filosofia nesses respectivos documentos. Nesse trabalho, defendemos o uso e a centralidade do texto filosófico nas aulas de Filosofia no Ensino Médio. Não como um fim em si mesmo, mas, como meio para uma educação filosófica e que é necessário tomar alguns cuidados que se deve ter na escolha e lida com o texto filosófico nas aulas de Filosofia no Ensino Médio, bem como de que maneira o mesmo será inserido.

**Palavras-chave:** Ensino de Filosofia; Texto Filosófico; Metodologia do Ensino de Filosofia.

### ABSTRACT

Events and debates concerning Philosophy teaching have been quite frequent in studies questioning the role of the philosophical texts in high school classes. The following paper intends to investigate, from three documents directly related to the conception of philosophy teaching, the role of philosophy texts in such documents. The documents are the Curricular Proposal for the Philosophy Program of the Federal University of Parana, the text of the Curricular Guidelines of Philosophy of the State of Paraná and the philosophy books elected for the National Textbook Program (2015-2017). The following paper authors defend the use and centrality of philosophical texts in High School Philosophy classes. It is not self-contained, but it works as a means for a philosophical education. It is necessary to be careful when dealing and choosing philosophical texts in High School, as well as how it will be inserted.

**Keywords:** Philosophy Teaching; Philosophical Text; Philosophy Teaching Methodology.

### RESUMÉN

Los eventos y debates relativos a la enseñanza de Filosofía han ocupado un importante lugar en investigaciones con relación a la cuestión del lugar del texto filosófico en las clases de Filosofía de la Enseñanza Media. El artículo pretende investigar, a partir de tres documentos directamente ligados a la concepción de enseñanza de filosofía - Propuesta Curricular del Curso de Filosofía de la Universidad Federal de Paraná, el texto de las Directrices Curriculares de Filosofía del Estado de Paraná y los libros de filosofía seleccionados para el estudio Programa Nacional del Libro Didáctico (2015-2017) -, el lugar del texto de filosofía en estos respectivos documentos. En este trabajo, defendemos el uso y la centralidad del texto filosófico en las clases de Filosofía en la Enseñanza Media. No como un fin en sí mismo, sino como medio para una educación filosófica y que es necesario tomar algunos cuidados que se deben tener en la elección y se ocupa del texto filosófico en las clases de Filosofía en la Enseñanza Media, así como de qué manera el mismo, se insertará.

Palabras clave: Enseñanza de Filosofía; Texto filosófico; Metodología de la Enseñanza de Filosofía.

## INTRODUÇÃO

A filosofia pode ser caracterizada como a plena realização da razão, o ápice no que tange a racionalidade e a autonomia da subjetividade. Constata-se, a partir desse desprendimento das questões ditas “urgentes”, a necessidade, principalmente diante de um tempo histórico marcado pelo relativismo e pragmatismo, de uma contínua afirmação da mesma perante a sociedade.

Podemos observar que, na história da educação no Brasil, a disciplina de filosofia foi a que mais sofreu e sofre com as mudanças que ocorrem no campo político e econômico. A constatação disso pode ser percebida a partir da análise dos períodos da história do Brasil e as respectivas ausências/permanências da mesma como disciplina no currículo.

Do ano de 2008 (implementação da Lei 11.684/08 que tornou obrigatório o ensino de filosofia no Ensino Médio depois de mais de duas décadas de exclusão dos currículos das escolas públicas) a 2017 (aprovação da reforma do Ensino Médio via Medida Provisória 746, de 22 de setembro de 2016) é possível constatar, talvez uma profecia auto realizadora: a questão da presença/ausência da filosofia por conta dos elementos econômicos/políticos oriundos daqueles que ocupam o poder. Depois de décadas de lutas pelo retorno da filosofia como disciplina curricular, em menos de seis meses, com um arremedo de reforma de Ensino Médio, feito às pressas e sob a batuta de interesses escusos e até o momento obscuros, vimos a mesma, novamente, sendo jogada ao limbo dos conteúdos transversais, no terreno da “terra de ninguém”, onde todos podem ensinar conteúdos de Filosofia, mas, que provavelmente, ninguém o fará, exatamente porque terão seus próprios conteúdos com que se preocupar. Ainda que esse não seja o nosso objeto nesse artigo, entendemos ser importante essa contextualização, uma vez que essas mudanças afetam toda uma trajetória de trabalhos, esperanças, sonhos e esforços, no sentido de consolidar a Filosofia como componente curricular. Não é a primeira vez e, provavelmente, não será a última, que forças obscuras se levantam contra a Filosofia. Foi assim com Sócrates, com Aristóteles, com Giordano Bruno e, mais recentemente, na América Latina, durante a ditadura militar na Argentina, contra Enrique Dussel. Como afirma Adorno, “Aquele que pensa, opõe resistência” (ADORNO, 1995, p. 204). E, com a Filosofia, é impossível não pensar...

Antes, porém, desse cenário trágico, pesquisadores universitários, alunos de graduação e professores da Educação Básica, dedicavam esforços no sentido de legitimar a presença da Filosofia no Ensino Médio. Não que a mesma, por si só, já não se justifique. Porém, entendíamos que era o momento de refletirmos sobre como ensinar essa importante área do conhecimento humano nessa etapa da educação, discutindo estratégias, metodologias, recursos, didáticas apropriadas à mesma. Considerando que, o Ensino Médio tem suas especificidades, como também a própria Filosofia tem as suas. Assim, não é possível ensinar-se Filosofia ali, como se faz na graduação. Muito menos, utilizar-se de metodologias, didáticas e procedimentos de outras áreas. Nesse sentido, uma das propostas bastan-

te discutidas, é o ensino de Filosofia por meio de seus textos. Daí a pergunta inevitável e objeto desse artigo: qual o lugar do texto filosófico nas aulas de Filosofia no Ensino Médio?

[...] pensar no ensino de filosofia significa pensar no contexto de um saber escolar, um conhecimento que possui uma certa organização de cunho pedagógico, e a forma como os professores o entendem. Há um saber escolar que se manifesta através do currículo, que garante, em última instância, à escola o desempenho de sua principal função: viabilizar as condições de apropriação dos conhecimentos. Tal tarefa, do ponto de vista epistemológico, está diretamente ligada à questão metodológica que se expressa na objetividade do saber escolar. (HORN, 2002, p. 100)

Esse trabalho é resultado de uma reflexão feita a partir de uma investigação qualitativa a partir da análise de três documentos: **1) A proposta curricular do curso de Filosofia da Universidade Federal do Paraná (UFPR); 2) O texto das Diretrizes Curriculares de Filosofia e 3) Os livros selecionados pelo MEC para o PNLD – Programa Nacional do Livro Didático (2015-2017)**. Nesses documentos, procuramos investigar se o texto filosófico está sugerido como um material a ser utilizado nas aulas de Filosofia no Ensino Médio; em caso positivo, que importância é dada ao mesmo nesse contexto e se há a indicação de alguma metodologia, estratégia, procedimento de como fazê-lo.

Para além da polêmica estabelecida a partir de Kant e Hegel, se se ensina Filosofia ou a filosofar, entendemos que, é de fundamental importância para o aprender/ensinar Filosofia/Filosofar a leitura de textos filosóficos para e durante as aulas de Filosofia no Ensino Médio. E isso já traduz uma postura tanto pedagógica, quanto epistemológica diante do ensino em geral, como do ensino de Filosofia, em particular. Ao se tomar o ensino de Filosofia a partir do uso do texto filosófico, por meio de fragmentos ou não, há uma definição clara de qual é o papel do professor e qual é o do aluno nesse processo de ensino-aprendizagem. Sem a presença do texto, há pelo menos duas ou três possibilidades: transmissão de conteúdo por parte do professor, onde o aluno é mero receptor; especulação sobre algum tema/problema que pode ou não ser filosófico, dando ou não um tratamento filosófico; dependência do material didático fornecido pelo sistema de ensino, público ou privado.

Por outro lado, quando o texto filosófico está inserido nesse processo, o aluno pode deixar de ser um mero receptor e passar a discutir Filosofia e seus problemas a partir da leitura de textos filosóficos (que precisa ser orientada pelo professor); as aulas podem sair da especulação superficial e ganhar em densidade; por fim, o texto filosófico encontra o seu devido lugar numa aula de Filosofia.

Porém, não se trata simplesmente de entregar o texto ao aluno e dizer: “Leia! ” Quando afirmamos acima que a leitura precisa ser orientada pelo professor, queremos dizer que o texto filosófico precisa passar por um processo de transposição didática. O que não significa que o mesmo deva ser “mastigado” pelo professor e depois entregue ao aluno. Transpor, didaticamente, e orientar o aluno no processo de leitura, é possibilitar que o mesmo realize a experiência da leitura filosófica, que é pessoal, mas pode ser compartilhada.

da, e intransferível.

Assim, nosso objetivo nesse artigo é:

- a. Defender o uso do texto filosófico nas aulas de Filosofia no Ensino Médio;
- b. Orientar para alguns cuidados que se deve ter na escolha e lida com o texto filosófico nas aulas de Filosofia no Ensino Médio;
- c. Argumentar sobre a centralidade do texto filosófico nas aulas de Filosofia no Ensino Médio, não como um fim em si mesmo, mas, como meio para uma educação filosófica;

Começamos analisando a proposta curricular do curso de Filosofia da Universidade Federal do Paraná (UFPR). E, a razão pela qual analisaremos essa e não outra/s, nem por comparação, é pelo fato de ter sido a primeira a ofertar o curso de Filosofia no Paraná (1938).<sup>1</sup>

### O lugar do texto filosófico no curso de Filosofia da UFPR a partir do currículo específico

A atual matriz curricular do curso de Filosofia da UFPR foi aprovada pela Resolução N° 78/10-CEPE, substituindo a que vigorava desde 1999. No entanto, no que diz respeito a formar os alunos, futuros docentes e bacharéis de Filosofia, praticamente nada mudou. A única disciplina presente na matriz é Seminários de Leitura, Análise e Produção de Textos Filosóficos I, que se repete no rol das optativas, mais duas vezes, como Seminários de Leitura, Análise e Produção de Textos Filosóficos II e Seminários de Leitura, Análise e Produção de Textos Filosóficos III. Porém, quando se observa o objetivo dessa disciplina, pode-se perceber que a mesma irá contribuir muito mais para a formação do bacharel, do que para o do licenciado. Vejamos: “O objetivo é capacitar o aluno a analisar, expor e produzir um texto filosófico, preferencialmente segundo uma abordagem monográfica”.<sup>2</sup> Mesmo as disciplinas do campo pedagógico, nenhuma delas, especificamente, fala de transposição didática de conteúdos ou do texto filosófico para a Educação Básica. O que não se pode pressupor, necessariamente, que nenhum professor o faça. No entanto, o que se pode concluir das ementas dessa disciplina, nas suas três ofertas, é que o trabalho que será feito é o de exegese do texto. Pode-se concluir isso a partir de termos, como “decifração”, “inteligibilidade do texto”, “dimensões lógicas constitutivas”, dentre outras.

O método pedagógico e de estudo da graduação é baseado na análise estruturalista do texto clássico de filosofia. As aulas são expositivas, abrangendo, normalmente, a leitura e comentário de um texto em sala de aula ou a explanação de algum tema específico de um pensador. É corriqueiro um capítulo de determinada obra ser objeto de estudo durante todo um semestre, ou, de uns poucos parágra-

1 “O curso de graduação em Filosofia da UFPR está em atividade desde 1938, quando foi criado juntamente com a Faculdade de Filosofia, Ciências Letras do Paraná, que [é] um dos núcleos que deram origem à Universidade Federal do Paraná, assim constituída em 1950” (Disponível em: <http://www.humanas.ufpr.br/portal/filosofia/graduacao/>. Consultado em: 11 junho 2017).

2 Disponível em: <http://www.humanas.ufpr.br/portal/filosofia/graduacao/planos-de-ensino/#HF108>. Consultado em 11 junho 2017.

fos em uma aula (cada aula tem usualmente a duração de três horas). Dá-se muita atenção às traduções, sendo corriqueiro o professor discutir longamente, em sala de aula, as alternativas de tradução de um termo. Além desta excessiva preocupação com o específico em detrimento do abrangente, a ausência completa de contextualização aproxima o método pedagógico e de estudo ao das ciências exatas. Um professor de Química ou Física estaria pedagogicamente bem ambientado na Filosofia universitária brasileira. (MAUCH, 2012, p. 58).

Outro fato que nos chamou a atenção nessa nova matriz é que, apesar da nova realidade trazida pela aprovação da Lei Nº 11.684, de 2 de junho de 2008, que tornou o ensino de Filosofia e de Sociologia obrigatórias no Ensino Médio, o curso não ampliou sua responsabilidade com relação à formação do licenciado, mas, pelo contrário, remeteu essa formação mais ainda para o Setor de Educação da Instituição. Se antes, a disciplina acima referida, nas duas ofertas, era obrigatória, agora, apenas uma o é, e, as demais, passaram a ser optativas. Isso traduz uma expectativa do colegiado do curso com relação ao futuro egresso, como também uma não compreensão da especificidade do ensino de Filosofia na Educação Básica. É certo que o curso não forma somente para essa etapa. Mas, se considerarmos em termos de campo de trabalho, há que se convir que, o universo dessa etapa da educação é muito mais amplo do que o do Ensino Superior, onde o trabalho de pesquisa é mais exigente do que o de docência. O que não significa, também, que a formação do futuro licenciado tenha que ser barateada. Pelo contrário. O grau de exigência tem que ser o mesmo. Porém, a formação do mesmo para atuar como professor não é a mesma da do bacharel, mais direcionada à área da pesquisa. Não é suficiente um excelente conhecimento de uma determinada área do conhecimento humano para saber ensiná-la. Para tal, são necessários conhecimentos pedagógicos gerais e específicos da referida área.

Pelo visto, diante da nova realidade que vivemos – o da retirada da obrigatoriedade do ensino de Filosofia enquanto disciplina, mas, tão somente enquanto conteúdos, que nos retorna a um passado que acreditávamos ter superado – o colegiado do referido curso precisará amadurecer um pouco mais sua compreensão sobre a formação do licenciado em Filosofia. Uma vez que, uma das formas de se consolidar a mesma como disciplina curricular, é ter professores que realizem um trabalho com competência e excelência, para além da compreensão neoliberal que essas palavras possam assumir no campo educacional.

Passemos agora a analisar as *Diretrizes Curriculares de Filosofia* da rede pública de ensino do Paraná.

### **O lugar do texto nas aulas de Ensino Médio segundo as Diretrizes Curriculares**

As Diretrizes Curriculares de Filosofia da rede pública de ensino do Paraná aprovadas em 2008, afirma claramente o uso do texto filosófico nas aulas de Filosofia do Ensino Médio. Não é apenas de uma indicação ou recomendação, mas, uma orientação com caráter didático e pedagógico. Quando apresenta o encaminhamento metodológico dos



conteúdos estruturantes<sup>3</sup>, no segundo – o da problematização –, destaca a importância do texto filosófico:

Ao problematizar, o professor convida o estudante a analisar o problema, o qual se faz por meio da investigação, que pode ser o primeiro passo para possibilitar a experiência filosófica. É imprescindível recorrer à história da Filosofia e aos textos clássicos dos filósofos<sup>4</sup>, pois neles o estudante se defronta com o pensamento filosófico, com diferentes maneiras de enfrentar o problema e, com as possíveis soluções já elaboradas, as quais orientam e dão qualidade à discussão (PARANÁ, 2008, p. 60).

A postura das *Diretrizes* com relação ao uso do texto como tecnologia central da aula, estabelece um marco do que já se disse e se publicou em documentos oficiais acerca do ensino da Filosofia no Paraná, principalmente, em relação à primeira proposta elaborada e publicada ainda em 1994<sup>5</sup>. O que se propõe não é o uso contingente do texto, mas, como necessário ao processo de investigação filosófica. O que se busca fundamentalmente é garantir a presença do teor filosófico sem por sua vez mergulhar em uma atividade penosa, puramente verborrágica e enfadonha aos jovens estudantes.

Aí está uma posição muito fecunda quanto ao “específico” do trabalho filosófico (...) desenvolvimento do pensamento crítico através da vinculação entre problemas vivenciais e problemas filosóficos. Educar para a inteligibilidade, contribuir para a constituição de uma retórica (...) implicam submeter os interesses dos alunos a um tratamento que lhes permita descobrir os encadeamentos, a lei, a estrutura que está (ou não está) nos discursos por eles elaborados. (...). Portanto, mínimo no ensino de Filosofia não é, certamente, este ou aquele conjunto de tópicos, problemas ou partes da Filosofia. Não é, também, uma coleção de conceitos, textos ou doutrinas. O que interessa é o foco do trabalho com os alunos: o que é preciso fazer para o desenvolvimento das condições de inteligibilidade? (FAVARETTO, 1995, p. 80).

Nas *Diretrizes Curriculares*, o texto é compreendido em pelo menos três sentidos diferentes<sup>6</sup>: a) como centro do processo pedagógico, uma tecnologia central ao fazer de uma aula de Filosofia; b) como recurso necessário sem, no entanto, indicar como tratá-lo de um ponto de vista didático-pedagógico, muito menos filosófico; c) indica-o como referência e aponta alguns cuidados para não o tomar como fim, muito menos estabelecer uma leitura linear, formal ou cadastrada.

Vejamos alguns trechos das *Diretrizes* onde as recomendações com relação ao uso do texto como tecnologia central são apresentadas<sup>7</sup>:

3 Momentos do encaminhamento metodológico: a) mobilização; b) problematização; c) sistematização; d) criação de conceito.

4 Sem grifo no original.

5 Em 1994 a equipe pedagógica da SEED elaborou uma proposta para a área de Filosofia que contou com a consultoria, entre outros consultores, do professor e Celso F. Favaretto, da FEUSP.

6 A classificação adotada e a ordem de apresentação obedeceram, basicamente, dois critérios, quais sejam: a) palavras/expressões presentes no próprio texto das *Diretrizes*; b) a classificação segue a ordem crescente tal como aparece no texto.

7 As expressões ou trechos destacados em negrito nos excertos das *Diretrizes* ao longo do texto, não estão no

Um meio da leitura dos textos filosóficos. Espera-se que o estudante possa pensar, discutir, argumentar e, que, nesse processo, crie e recrie para si os conceitos filosóficos, ciente de que não há conceito simples (PARANÁ, 2008, p. 51).

A atividade filosófica centrada, sobretudo no trabalho com o texto, propiciará entender as estruturas lógicas e argumentativas, levando-se em conta o cuidado com a precisão dos enunciados, com o encadeamento e clareza das ideias e buscando a superação do caráter fragmentário do conhecimento (PARANÁ, 2008, p. 53).

No Ensino Médio, a Filosofia Política [conteúdo estruturante], por meio dos textos filosóficos, tem por objetivo problematizar conceitos como o de cidadania, democracia, soberania, justiça, igualdade e liberdade, dentre outros, de maneira a preparar o estudante para uma ação política consciente e efetiva (PARANÁ, 2008, p. 58).

O texto, nessa condição, aparece como necessário para o exercício do filosofar. É tomado como instrumento mediador do processo pedagógico e de argumentação, de discussão e do pensar sistemático. Da mesma forma, como imprescindível à elaboração de conceitos. Esse fazer pedagógico, contribui, sobremaneira, para a formação do leitor crítico de textos e escritos de caráter filosófico, como também na produção de textos com estrutura lógica e argumentativa.

Com relação ao segundo ponto, várias passagens falam do texto como recurso importante e necessário. Porém, nenhuma orienta quanto a seu uso:

[...] não se trata de abandonar a história da Filosofia, pois a opção por conteúdos estruturantes compreende também o trabalho com os textos clássicos dos filósofos (PARANÁ, 2008, p. 42).

[...] da década de 1980 até hoje, os professores de filosofia vêm manifestando uma preocupação com o conteúdo e a metodologia, em outras palavras, a necessidade de pensar a relação entre os textos filosóficos e a experiência filosófica no ensino médio (PARANÁ, 2008, p. 47).

[...] os conteúdos estruturantes devem ser trabalhados na perspectiva de fazer com que os estudantes pensem os problemas com significado histórico e social e analisem a partir dos textos filosóficos que lhes forneçam subsídios para que pesquem, façam relações e criem conceitos (PARANÁ, 2008, p. 52).

Afirmar que o texto filosófico é necessário ao fazer pedagógico, sem apontar as possibilidades de como fazê-lo, não é suficiente. Ainda mais que, como vimos, a partir da análise de um programa de formação de professores, essa importância não tem a devida atenção. O mais provável é que se queira reproduzir nessa etapa, as mesmas práticas que se viveu e aprendeu na graduação. O que, provavelmente, tornará enfadonho e improdutivo o trabalho de sala de aula. Tornou-se lugar-comum falar da importância do uso do texto filosófico nas aulas de Filosofia no Ensino Médio. Porém, há que se pensar estratégias de como fazê-lo. Não no sentido de apresentar receitas, tutoriais, mas, de apontar caminhos de como fazer. Para que o texto seja tratado como meio, instrumento e não um fim em si mesmo. Muito menos que se queira fazer exegese do texto filosófico nessa etapa da educação. Afinal de contas, como afirmam as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino original, são de responsabilidade dos autores.

sino Médio: “os componentes curriculares devem propiciar a apropriação de conceitos e categorias básicas, e não o acúmulo de informações e conhecimentos” (BRASIL/CNE/CEB, 2012).

Quanto ao uso do texto como referência, as mesmas Diretrizes sugerem não o transformar em um fim em si mesmo, evitando realizar uma exegese textual e nada contribuindo para formação de um leitor crítico.

É preciso que o professor tenha uma ação consciente para não praticar uma leitura em que o texto seja um fim em si mesmo. O domínio do texto é necessário. O problema está no formalismo e no tecnicismo estrutural da leitura, que desconsidera, quando não descarta, a necessidade da compreensão do contexto histórico, social e político de sua produção, como também de sua própria leitura (PARANÁ, 2008, p. 53).

Estas Diretrizes Curriculares, ao procurarem superar a concepção enciclopédica da Filosofia, não desvalorizam os textos que possam ser trabalhados ao longo do percurso filosófico (PARANÁ, 2008, p. 55-56).

É importante ressaltar que os recursos escolhidos para tal mobilização – filme, música, texto e outros – podem ser retomados a qualquer momento do processo de aprendizagem (PARANÁ, 2008, p. 60).

O ensino de Filosofia deverá dialogar com os problemas do cotidiano, com o universo do estudante... tomando como referência os textos filosóficos clássicos e seus comentadores (PARANÁ, 2008, p. 67).

Ao tomarmos o texto filosófico por ele mesmo, corremos o risco de acreditar que a formação filosófica só se dá mediante o domínio técnico dos textos. A leitura do texto filosófico deve nos possibilitar aquilo que Heller<sup>8</sup> propõe para a recepção filosófica: “Reflete sobre como deves pensar, reflete sobre como deves viver, reflete sobre como deves agir” (HELLER, 1983, p. 151). Ou seja, não basta compreender os conceitos presentes num determinado texto filosófico. Os mesmos têm que se transformar em ação na vida de quem os recebe. É esse o sentido que o trabalho pedagógico com o texto filosófico em sala de aula deve adquirir: ele não é um fim em si mesmo, mas, um meio. Não é o fim, mas, ponto de partida: para pensar, para viver, para agir.

Falamos de recepção completa para os tipos que compreendem ao mesmo tempo todos os três momentos da filosofia (refletes como deve pensar, agir, viver); de recepção parcial, para os que compreendem o primeiro, o segundo ou o terceiro momento. No primeiro caso, tem-se a apropriação da objetivação filosófica, já que a intenção se dirige à objetivação. No segundo caso, a intenção não visa à objetivação filosófica, mas a recepção é o meio para produzir um outro efeito:

8 Segundo Horn e Mendes (2016, p. 287) a filósofa da Escola de Budapeste inicia seu trabalho filosófico a partir de “[...] três horizontes teóricos: a) utopia racional (como se deve pensar, colocando a razão a serviço da solução dos problemas humanos reais, dos carecimentos); b) teoria social ou da sociedade (como se deve agir, considerando a necessidade de atender o carecimento de orientação por mudança social e construção de uma sociedade de novo tipo – antítese à forma de vida do capitalismo –, à luz do Bem e da Verdade); e c) filosofia de vida presente (como se deve viver, buscando responder como é possível viver a partir ‘do hoje’, viver na perspectiva de como dar respostas aos problemas existenciais/sociais da vida humana)”. Eis um dos elementos que constituem o eixo de estudo da pesquisa: a compreensão da objetivação e a aprendizagem da filosofia dos estudantes de ensino médio a partir do texto filosófico tendo em vista a perspectiva de Agnes Heller (1983) de que a recepção da filosofia decorre do carecimento das objetivações filosóficas e que por sua vez estimulam o receptor a refletir como se deve pensar, como se deve agir e como se deve viver. O “como deves viver” contém o “como deves pensar” e o “como deves agir” está contido no “como deves pensar”.



desde a solução de problemas existenciais pessoais até a exposição de teorias em outras esferas. (HELLER, 1983, p. 35)

Passaremos agora a analisar como os livros didáticos indicados pelo PNLD no último processo de seleção, para o triênio (2015-2017), consideram o texto filosófico nas aulas de Filosofia no Ensino Médio. Na maioria das escolas e para os professores, esse é o principal, se não o único, material utilizado nas aulas de Filosofia. Assim, ao realizarmos essa análise, cremos estar fechando o tripé de nossa pesquisa sobre a presença do texto filosófico nas de Filosofia no Ensino Médio no Estado do Paraná: formação numa IES, Diretrizes Curriculares Estaduais para o Ensino de Filosofia e Livro Didático.

### **O lugar do texto filosófico nas aulas de Ensino Médio segundo os livros indicados pelo PNLD**

Em 2014, os professores de Filosofia das escolas públicas de Ensino Médio de todo o Brasil, fizeram a segunda escolha de livro didático dessa disciplina. Para esse processo de seleção foram inscritas 13 obras, das quais, apenas 5 foram selecionadas porque, segundo Guia de Livros Didáticos PNLD 2015, as mesmas preenchem os requisitos estabelecidos no edital de convocação. Aqui, nossa análise se pautará a partir de três critérios: se há a presença de texto filosófico na obra; se há proposta de transposição didática do mesmo e, por fim, se no manual do professor, há alguma orientação com relação ao tratamento que deva ser feito com textos filosóficos em geral e, em particular, os presentes na obra. As obras que analisamos foram: Iniciação à Filosofia, de Marilena Chaui<sup>9</sup>; Filosofando, Introdução à Filosofia, de Maria Lúcia de Arruda Aranha e Maria Helena Pires Martins<sup>10</sup>; Fundamentos de Filosofia, de Gilberto Cotrim e Mirna Fernandes<sup>11</sup>; Filosofia: Experiência do Pensamento, de Silvio Gallo<sup>12</sup> e Filosofia: por uma Inteligência da Complexidade, de Celito Meier<sup>13</sup>.

Fizemos a análise do capítulo que trata da Introdução à Filosofia, sua origem e períodos históricos. Cada autor trabalha de forma mais ou menos extensa. Quanto à presença de textos filosóficos, na forma de pequenos ou médios fragmentos de textos filosóficos, podemos dizer que todos os livros apresentam. Porém, nem todos na mesma quantidade, muito menos com o mesmo propósito. Com relação à quantidade, Aranha e Martins apresentaram 13 textos filosóficos; Gallo, 11; Chaui e Meier, 7 e Cotrin apenas 1. Com relação à proposta de transposição didática dos mesmos, o mais comum é os autores os sugerirem como complemento dos textos (CHAUI, ARANHA, GALLO e MEIER), mas, também, aparecem como textos a partir dos quais se sugerem exercícios (MEIER, GALLO, COTRIN e ARA-

9 CHAUI, Marilena. Iniciação à Filosofia. São Paulo: Editora Ática, 2014.

10 ARANHA, Maria Lúcia de; MARTINS, Arruda e Maria Helena Pires. Filosofando, Introdução à Filosofia. São Paulo: Moderna, 2013.

11 COTRIM, Gilberto; FERNANDES, Mirna. Fundamentos de Filosofia. São Paulo: Editora Saraiva, 2013.

12 GALLO, Silvio. Filosofia: Experiência do Pensamento. São Paulo: Editora Scipione, 2014.

13 MEIER, Celito. Filosofia: por uma Inteligência da Complexidade. Belo Horizonte: Editora Pax, 2014.

NHA). O único que apresenta o texto ao aluno, com algumas informações sobre o mesmo é Gallo. Porém, também recai no lugar comum de se propor apenas exercícios ao final do mesmo. O que desmonta o principal argumento apresentado pelos autores, no manual do professor, no final do livro: o de que a aprendizagem filosófica se faz a partir da tradição; e que, a melhor forma de entrar em contato com essa tradição, é partir dos textos filosóficos clássicos. Porém, ao reduzir o trabalho com os mesmos a perguntas a serem respondidas após a sua leitura, caem todos no lugar comum.

Por fim, com relação às orientações repassadas ao professor, de como proceder à leitura e produção de textos filosóficos, com exceção de Chauí, todos os demais autores apresentaram sugestões. A mais completa delas, na nossa avaliação, é de Aranha e Martins. Porém, cabe aqui ressaltar que, nem todos os professores costumam consultar o manual do professor para elaborar suas aulas, como também para elaborar seus planejamentos. Assim, para serem mais eficazes, essas orientações deveriam aparecer ou no momento em que o texto filosófico aparece, ou no início da obra.

### Considerações finais

Feitas essas análises e reflexões, reafirmamos nossos objetivos inicialmente propostos. Primeiramente, defendemos a presença do texto filosófico e de seu uso nas aulas de Filosofia no Ensino Médio como tecnologia central desse fazer. Não como um fim em si mesmo, mas, como um recurso imprescindível para reflexões filosóficas possíveis e necessárias nessa etapa da educação. Para tanto, faz-se necessário orientar para alguns cuidados que se deve ter na escolha e lida com o texto filosófico nas aulas de Filosofia no Ensino Médio. Embora os documentos oficiais não façam menção de possíveis formas de tratamento, faz-se necessário que o professor desenvolva uma metodologia própria ou se aproprie das existentes, propostas por pesquisadores dessa temática, para que a presença do texto filosófico nas aulas de Filosofia no Ensino Médio seja eficiente e eficaz.

### REFERÊNCIAS

ADORNO. Theodor W. **Notas marginais sobre a teoria e práxis**. In: Palavras e Sinais. Modelos Críticos. Petrópolis/RJ: Vozes. 1995.

ARANTES, P. E. et. all. **A filosofia e seu ensino**. São Paulo: EDUC, 1995.

BRASIL. **Lei 11.684**, junho de 2008. **Inclui a Filosofia e a Sociologia como disciplinas obrigatórias nos currículos do ensino médio**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2008/Lei/L11684.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11684.htm). Acesso em 06/09/2010.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Guia de livros didáticos PNLD 2015: Filosofia**. Brasília, 2014.

HELLER, Agnes. **A filosofia radical**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

HORN, G.B. **Ensinar filosofia: pressupostos teóricos e metodológicos**. Ijuí: Unijuí, 2009.

HORN, G.B. **Por uma mediação praxiológica do saber filosófico no ensino médio: Análise e Proposição a Partir da Experiência Paranaense**. Tese de doutorado realizado pela FEUSP. São Paulo, 2002.

HORN, G.B.; MENDES, A. P. **Ensino de filosofia: método e recepção filosófica em Agnes Heller**. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2016. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/educar/article/view/44746/29859>>. Acesso em: 28 abr. 2017.

HORN, G.B.; VALESE R. **O sentido e o “lugar” do texto filosófico nas aulas de Filosofia no Ensino Médio**. In: NOVAES, J. L. C; AZEVEDO, M.A.O de. (org). *Filosofia e seu ensino: desafios emergentes*. Porto Alegre: Sulina, 2010.

KANT, I. **Textos seletos**, 3 ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

MAUCH, L. W; ARIAS, V.; HORN, G. B. **Repensando a licenciatura: a graduação em Filosofia e a formação docente para o nível médio**. Revista do NeseF Filosofia e Ensino. Curitiba, v.01, n. 1, p. 51-66. 2012. Disponível em [www.nesef.com.br](http://www.nesef.com.br). Acesso em 08/01/2017.

PARANÁ. **Diretriz Curricular de Filosofia para a Educação Básica**, Curitiba. 2008.